

Human Flow.

WEIWEI, AI (REALIZADOR). ALEMANHA: AC FILMS, 2018, 140 MINS.

João de Mancelos¹

Universidade da Beira Interior, Portugal

mancelos@outlook.com

Human Flow (2018), do realizador chinês Ai Weiwei, principia com uma citação de Nâzim Hikmet, um poeta turco: “I want the right of life, of the leopard at Spring, / of the seed splitting open / I want the right of the first man”. Trata-se de uma abertura particularmente apropriada, por duas razões. Primeiro, porque é um documentário cru acerca de refugiados que, tal como os versos sugerem, procuram o direito à vida, longe da violência dos países de origem. Segundo, porque, como estes, Weiwei é um dissidente, que escapou de Pequim durante a Revolução Cultural Chinesa, e o escritor que evoca, Hikmet, foi também perseguido pelas suas convicções políticas, tendo passado vários anos no exílio, na ex-URSS.

Foi precisamente a experiência pessoal do realizador que o fez despertar para a realidade angustiante e comumente ignorada dos refugiados. Em 2015, durante umas férias com o filho na plácida ilha de Lesbos, Weiwei ficou impressionado com a chegada de uma verdadeira maré humana à Europa, em precárias embarcações. Milhares de homens, mulheres e crianças arriscavam a vida na travessia do Mediterrâneo, escapando de países como a Síria, Líbia ou Iraque, agitados pela guerra, miséria e intolerância étnica. Com recurso a um simples iPhone, o realizador registou a sua impressionante chegada à ilha e recolheu algumas das numerosas histórias dos sobreviventes.

Teve aqui origem um projeto documental ambicioso, que pretendia dar a conhecer ao mundo a vivência de alguns dos 65 milhões de refugiados, numa perspetiva mais íntima do que a transmitida pelas cadeias televisivas. Como afirmou Weiwei, numa entrevista concedida aquando da estreia do documentário na Bienal de Veneza, em 2017: “*Human Flow* is a personal journey, an attempt to understand the conditions of humanity

¹ Doutoramento em Literatura Norte-Americana (Universidade Católica Portuguesa, 2003), pós-doutorado em Estudos Culturais (Universidade de Aveiro, 2015). Docente na Licenciatura e Mestrado em Cinema da Universidade da Beira Interior.

in our days. The film is made with deep belief in the value of human rights. In this time of uncertainty, we need more tolerance, compassion and trust for each other since we all are one”. Com estas palavras, o realizador sublinha a natureza interventiva do documentário.

Esta “viagem pessoal”, como lhe chama, implicou uma longa e exaustiva jornada física através de um mundo convulso. Weiwei deslocou-se com a sua equipa de rodagem, constituída por duzentos membros, a vários “hot spots”. Visitou campos de refugiados, alguns deles em condições sub-humanas; percorreu acampamentos precários na terra de ninguém, junto às fronteiras entre a Macedónia e a Grécia, ou a Síria e a Jordânia; arriscou-se em zonas ainda em guerra, onde se ouvem as explosões de mísseis e o lamento de quem escapou, deixando para trás toda uma vida. Na sua jornada, o realizador cobriu uma totalidade de 23 países, entre os quais o Afeganistão, o Bangladeche, Israel ou o Quénia.

Ao longo de mais de duas horas e meia, Weiwei deu voz aos refugiados e às suas famílias, com destaque para os jovens e as mulheres. Durante estas conversas, tecidas em tom amigável, revela aos espetadores que os motivos de um refugiado africano, árabe ou asiático não diferem substancialmente: a fuga à intolerância ou à guerra são os motivos apontados com mais frequência. Por exemplo, um homem pertencente ao Rohingya, uma minoria islâmica vítima de discriminação, pilhagens e violações, afirma: “At times, we are ashamed when they call us stateless people or boat people or other names. We too have feelings, we too are humans. (...) All because of the military junta that has destroyed our future”.

Contudo, por vezes, o futuro não existe e a travessia é rumo à morte. Um refugiado mostra as campas rasas de cinco migrantes, entre os quais um irmão, que pereceram no mar. Tenta conter as lágrimas, enquanto relata: “(...) we’ve lost five people. Two people drowned at sea. I wish they were still with us. They appear in my dreams at night. I see them in my sleep”. A imagem corta para uma cova vazia, a recordar ao espetador que este é um filme de *fantasmas*. Para os refugiados, o mar Mediterrâneo tornou-se num cemitério de pessoas, vidas e sonhos. Para os governantes, um pesadelo logístico, político e ético. Os versos do poeta persa Baba Tahir resumem a impossibilidade ao perguntarem se um oceano pode caber numa tijela.

Weiwei mostra que a vida em campos de refugiados, é mais segura, mas não menos angustiante. Em março de 2016, a União Europeia prometeu pagar à Turquia seis biliões de euros em ajuda, se recebessem de volta migrantes. As imagens exibem uma revolta de refugiados, gás lacrimogénio, um helicóptero a sobrevoar a área. Milhares

enfrentam o risco de serem deportados ou, se recusarem, presos. De costas para a câmara, uma jovem mãe concede um testemunho pungente: “I’ve been roaming aimlessly with my son for 60 days now. Nobody has shown us the way. If I applied for asylum, how exactly should I go about it? Where am I supposed to start my life? (...) How many more days can I live like this?”.

Todos os refugiados partilham da esperança numa vida segura, facilitadora do recomeço, longe de casa. Alguns temem não regressar nunca mais; outros teriam medo, pois sabem que os aguardam apenas ruínas e memórias. A bordo de um navio, a caminho de Lesbos, um migrante segura um bebé e, fitando diretamente a câmara, assevera: “If you have a strong will, God willing, nothing is impossible. I am, thank God, strong-willed and determined. We are on this boat, out at sea, and we will reach a country that will help us, and we will return the favour”. É já noite cerrada quando desembarcam, exaustos, em Lesbos, ponto intermédio rumo à Alemanha ou a outros países de acolhimento.

Weiwei afasta a isenção documental, revelando-se sobretudo um artista comprometido com a causa dos direitos humanos. Assim, infiltra-se no dilúvio humano; distribui chá a um jovem recém-chegado, a tiritar de frio; troca o seu passaporte com o de um sírio, numa brincadeira carregada de simbolismo; corta o cabelo rente, de forma a parecer-se com um refugiado; conforta uma jovem mãe desesperada; sorri perante a fotografia, num telemóvel, de um gato de estimação que ficou para trás, quando os donos tiveram de partir. Estes apontamentos solidários não apenas trazem alguma leveza ao documentário como mostram que cada um de nós podia ser o Outro.

Complementares às vozes dos refugiados, são os testemunhos de personalidades como Filippo Grandi (United Nations High Commission for Refugees), Cem Terzi (Association for Bridging Peoples), Ionnis Mouzalas (ministro grego da Imigração), Dana Firas (princesa da Jordânia) ou Hanan Ashrawi (Departamento de Cultura e Informação da OLP). Este último explica a real condição de um migrante: “Being a refugee is (...) the most pervasive kind of cruelty that can be exercised against a human being by depriving a person of all forms of security, (...) placing him at the mercy of some inhospitable host countries that do not want to receive this refugee”.

Quer os testemunhos dos refugiados, quer os de personalidades ligadas à política e a organizações diversas surgem entretecidos com outros elementos. Destaco as parangonas extraídas da imprensa internacional, as estatísticas referentes ao número de refugiados, os versos de poetas de diversas épocas e culturas, surpreendentemente atuais. Tal manta de retalhos proporciona ao espetador múltiplas perspetivas — políticas, mediática, literárias —, todas contribuindo para a mesma imagem: um êxodo impossível

de conter, mesmo num planeta de fronteiras. Aquando da queda do muro de Berlim, em 1989, existiam onze países com cercas ou barreiras; hoje, ascendem a setenta.

As preocupações dos países de acolhimento são claras e, em certa medida, legítimas. Pensando na realidade europeia, é pertinente questionar: qual o impacto, sobre as economias nacionais, da presença de um vasto e crescente número de migrantes? Pertencendo os refugiados a culturas tão diversas, conseguirão adaptar-se à identidade dos territórios de destino? E serão as populações locais capazes de os receber ou mesmo assimilar? Ou, pelo contrário, tal fluxo originará discriminações de natureza étnica, política ou religiosa? Todas estas questões se colocam, numa altura em que a extrema direita e o patriotismo exacerbado ascendem em vários países europeus.

Contudo, é preciso realçar que este não é um documentário em demanda de soluções políticas, mas antes um apelo pungente à compaixão humana, através da dureza das vozes e da fotografia. Para transmitir a sua mensagem, Weiwei recorre a uma série de estratégias fílmicas: os “drones” apresentam planos gerais de filas de tendas ou de massas humanas deslocando-se e revelam a imensidão da tragédia; por contraste, as câmaras à mão focam o rosto desesperado dos refugiados, em grandes planos; as imagens plácidas do Mediterrâneo lembram postais de férias, para logo cederem lugar à visão de pesadelo de embarcações a abarrotarem de seres humanos, perto de se afundarem.

Para o realizador, a compaixão e a solidariedade internacionais constituem a melhor — ou mesmo a única — forma de lidar com o êxodo de migrantes, fugidos da guerra e da miséria. A rematar o filme, surge o testemunho de Mohammad Fares, um astronauta sírio. Este sugere que é preciso acolher os refugiados para além das diferenças étnicas e ideológicas, no sentido de construir um futuro comum para a nossa espécie: “I saw from space how each human being on Earth is a universe. All human beings live in one big nation as brothers: Syrians, Chinese and Americans (...). And all of them must share. Protecting the planet, can only happen with solidarity and love”.